Release

Linha fina

Um romance escrito por uma mulher, na virada do século XIX, em que são abordadas questões atualíssimas: a escravidão, a abolição, as rebeliões de pessoas escravizadas e os quilombos.

O livro é o primeiro das Obras Completas de Júlia Lopes de Almeida, que a Editora Hedra lançará a partir de 2024.

# Título

A família Medeiros

# Autor

Júlia Lopes de Almeida

# Nacionalidade

Brasileira

# Coedição

# Título original

# Copyright

Domínio público

# Categoria

Romance

# Escola

Romance brasileiro, Realismo

# Palavras-chave

literatura de autoria feminina, literatura brasileira, escravidão, abolicionismo

Categorias BISAC

FIC004000 - Ficção / Clássicos

FIC019000 - Ficção / Literária

FIC027000 - Ficção / Romance / Histórico

Categorias THEMA

1HFB - Ficção clássica brasileira

3MP - Ficção moderna e contemporânea

5P - Romance histórico

Coleção

Metabiblioteca

# Prefácio

Para iniciar a publicação das obras completas de Júlia Lopes de Almeida, esta edição conta com três prefácios. O primeiro, de Alfredo Sousa, datado de 1919, celebra a segunda edição do romance, publicada naquele ano com correções da própria autora. O segundo, assinado por Norma Telles, especialista na obra de Júlia Lopes de Almeida, abriu a edição de 2009, noventa anos depois. Rafael Balseiro Zin, um dos organizadores das obras completas de Júlia Lopes de Almeida na Editora Hedra, assina o prefácio de 2024.

# Organização

Anne Faedrich é doutora em Letras, com especialização em Teoria da Literatura (PUC-RS), professora de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do projeto de pesquisa *Literatura de autoria feminina na belle époque brasileira: memória, esquecimento e repertórios de exclusão*. É autora de *Teorias da autoficção* (EdUERJ, 2022) e *Escritoras silenciadas*} (Macabéa,Fundação Biblioteca Nacional, 2022).

Rafael Balseiro Zin é sociólogo e doutor em Ciências Sociais, pela PUC-SP, onde atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp, CNPq). Nos últimos anos, entre outros temas, tem se dedicado a investigar a trajetória intelectual das escritoras abolicionistas no Brasil, com especial atenção ao legado de Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida.

# Edição

Rogério Duarte e Jorge Sallum

# Preparação e Revisão

Raquel Silveira

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 9/2/2024

# Sobre o livro

*A família Medeiros* (1892) é o segundo romance de Júlia Lopes de Almeida. Ambientado em Campinas, no estado de São Paulo, retrata os costumes e conflitos entre as gerações da família do Comendador Medeiros: enquanto esse cafeicultor resiste à emancipação dos escravizados e à valorização do trabalho assalariado, Eva, sua sobrinha, e Otávio, seu filho, enfrentam-lhe o conservadorismo e defendem abertamente os ideais abolicionistas e republicanos. Esses embates correspondem, no conjunto do romance, à resistência dos escravizados da Fazenda Genoveva, que articulam um levante pela própria libertação, e ao projeto inovador de Eva na administração dos negócios da Fazenda Mangueiral, herdada ao pai, cujos negócios são conduzidos com respeito à dignidade humana por meio da partilha dos lucros. Com o propósito de sensibilizar o público da época quanto à brutalidade da escravidão, Júlia Lopes de Almeida registrou o ambiente social e político paulista dos últimos anos do século XIX, descrevendo o sofrimento dos escravizados e suas formas de resistência, como as revoltas contra os proprietários e os quilombos.

# Sobre a autora

Júlia Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862. Considerada um verdadeiro fenômeno literário, escreveu romances, contos, novelas, peças teatrais, crônicas, ensaios, livros didáticos e infantis. Estreou na imprensa em 1881, incentivada pelo pai, e atuou como cronista nos mais importantes jornais do país. Entusiasta da modernidade e das mentalidades daquele período de efervescência cultural e intenso otimismo, compôs em seus textos um amplo painel da *Belle Époque* carioca. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi publicado em folhetim, na *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, de 1888 a 1889. Nele, registrou as condições desumanas vivenciadas pelos moradores de cortiços. Em seu casarão no bairro de Santa Teresa, oferecia celebrados saraus nos jardins, então conhecidos como *Salão Verde*. Atuou ativamente no meio literário, jornalístico e intelectual brasileiro, e foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, porém foi excluída da lista oficial por ser mulher. Lutou pela emancipação feminina, aconselhou mulheres a trabalharem e terem sua própria fonte de renda para não dependerem dos homens, criticou filósofos misóginos, contestou severamente a falta de educação para as mulheres, mas, sobretudo, o tipo de educação que recebiam em casa, destinada apenas ao casamento e à futilidade. Morreu em 1934 e, desde então, foi gradativa e injustamente alijada da memória e história literárias.

# Trecho do livro

–– A vida agora no Brasil é um inferno. Em São Paulo, um tal Luiz Gama e outro que tal Antônio Bento especulam com os pobres dos lavradores, tirando-lhes os escravos. Os jornalistas do Rio são a mesma corja. Eles acoitam os pretos fugidos para os alugarem por sua conta e irem fazer conferências públicas, nos teatros, pregando a emancipação! É por isso que a gente séria, os chama de “pescadores de águas turvas”. José do Patrocínio é o chefe dessa bandalheira, que, se o país tivesse governo, já teria acabado. É por isso mesmo que muitos liberais e muitos conservadores estão se passando para o partido republicano…

Otávio estremeceu, mas absteve-se de falar. Deixaria passar a onda amarga em silêncio. Reservava-se para depois.

Supunha poder demolir pouco a pouco o brônzeo egoísmo do pai e vê-lo enfim cooperar na grande obra de humanidade e patriotismo. Precisava procurar com cuidado as ocasiões propícias para o completo desenvolvimento da sua ideia. Naquele momento tudo seria inútil; o comendador, muito exaltado, não o escutaria, e ele era incapaz nesse dia de sustentar com o *velho*, para cujos braços voltava cheio de alegria, uma questão qualquer. Susteve-se, enquanto o pai continuava amaldiçoando o tempo dos abusos e dos ataques à propriedade alheia!

–– Se eles se lembrarem de vir a Santa Genoveva –– exclamava ––, os bandidos dos abolicionistas, eu sei como os hei de receber: a tiro! Defendo a minha propriedade, estou no meu direito. A culpa é também das autoridades, que não *amoldaçam* esses cachorros dos jornais que latem, latem para os outros morderem!

Nesse ponto, bateram de manso à porta, e uma voz de mulher perguntou de fora:

–– Dá licença, meu tio?

–– Mau, lá vem a lambisgoia!... Entre!

Otávio levantou-se, e recuando um pouco, encostou-se ao piano; a porta, impelida docemente, deu passagem à mesma pessoa que ele vira de costas, dando milho às aves.

–– Você chegou em bem má ocasião… –– disse o comendador secamente.

–– Demoro-me pouco…

Otávio não fora notado e observava com atenção a recém-chegada.

Era uma mulher nova, esbelta, morena, de fartos cabelos negros, rosto oval, olhos franjados por longas pestanas, feições regulares sem serem belas, andar firme, cabeça erguida sem afetação. Tinha a voz grave, a atitude serena. Vestia com simplicidade o seu vestido de percale, escrupulosamente ajustado.

–– Que temos? –– indagou o tio.

–– Venho pedir-lhe que perdoe ao Manoel Sabino; ele promete ser obediente daqui por diante. Mande tirar-lhe os ferros, sim?

–– Asneira! Deixe-se disso, que não é da competência das moças. Se não quiser ver o negro com os ferros, não olhe para ele. Era o que faltava!

–– Não olho, mas nem assim deixo de saber que os traz.

O comendador deu uma gargalhada. Pelos olhos de Eva passou um relâmpago de indignação, mas conteve-se e um sorriso de desdém arqueou-lhe os lábios.

–– Já não sei quantas vezes tenho, a seu pedido, perdoado faltas dos escravos! Olhe, é melhor que se vá preparar para o jantar; aqui está meu filho, que chegou hoje, e espero amigos nesta meia-hora…

Eva voltou os olhos para Otávio, a quem cumprimentou friamente, sem avançar um passo; depois, num tom de quem se desculpa, disse:

–– Eu não sabia da sua chegada; venho neste momento…

–– De alguma senzala –– interrompeu com ironia o tio.

–– É verdade –– confirmou ela ––, de uma senzala. Fui ver a Josefa, que está doente. À saída encontrei o Manoel, que me pediu que o apadrinhasse; prometi vir em seu socorro e atravessei logo para aqui…

–– Não deve prometer o que não pode cumprir.

Eva olhou para o primo, como a pedir-lhe auxílio; Otávio, aproximando-se do fazendeiro, disse, comovido:

–– A minha chegada justificará a clemência que tiver para com ele; em nome da grande alegria de nos tornarmos a ver, peço-lhe, meu pai, que atenda aos rogos da prima Eva.

O comendador fingiu refletir um momento, e, voltando-se para a sobrinha, disse:

–– Está bom! Por hoje perdoo, mas não torne a fazer semelhantes pedidos; não torne a fazer!

–– Obrigada –– e Eva saiu da sala sem precipitação.

Otávio sentiu avivar-se-lhe a curiosidade a respeito da história daquela prima, que não conhecera nunca, e que vinha encontrar debaixo do teto paterno, tratado por uns como um anjo, e por outros como um demônio. Avaliou um momento a triste posição de Eva, recebendo por caridade a sombra de um telhado e o pão de um velho e encarniçado inimigo de seu pai. Absteve-se, contudo, de qualquer pergunta naquela ocasião em que via o comendador excitado contra ela; pensou sensatamente que qualquer informação seria apaixonada, e reservou-se para mais tarde, quando o visse de ânimo tranquilo. E no fundo do seu espírito havia já a convicção de que a opinião de Noêmia era a justa: “Eva é um anjo!”, dissera ela, e ele compreendia-a depois de ter presenciado aquela cena.

Só os anjos arrostam com a má vontade dos poderosos a favor dos fracos e dos oprimidos; só os anjos suportam injúrias com humildade quando a causa que advogam é a dos desgraçados.

# Imprensa